

Escola Bíblica Semanal

Lição 1 - Uma brevíssima introdução ao estudo da Bíblia

“Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!” (Romanos 11:33a)

1 – Introdução à lição

Nesta primeira lição trataremos de conhecimentos fundamentais para iniciar um estudo bíblico, tendo como principal objetivo equipar o estudante com as ferramentas mais elementares e fundamentais para uma adequada interpretação bíblica. Faremos isto tratando de pressupostos gerais, regras de interpretação e regras para lidar com dificuldades, ressaltando o valor da inerrância bíblica e passando ainda pelas versões mais populares da Bíblia usadas no Brasil. Após isso teremos um breve panorama do aparecimento do Messias em Israel, há cerca de dois mil anos.

Parar iniciar esse estudo da Bíblia, partiremos do pressuposto que algum conhecimento prévio há, pois uma escola bíblica insere-se no contexto de uma Igreja onde o conhecimento acerca da Palavra de Deus e do sacrifício expiatório de Jesus Cristo já é assunto conhecido.

Não partiremos do zero da escala de conhecimento, mas trataremos das bases de um estudo bíblico para melhor nos aprofundarmos naquilo que é nosso contato principal com a vontade do Senhor: sua Palavra escrita.

A Bíblia, este volume que manuseamos, é uma encadernação de um total de 66 peças literárias, ou livros, que foram escritos por pessoas diferentes em épocas diferentes, mas que apresentam algumas características que são apenas desta obra, não aparecendo em qualquer outro lugar de toda a literatura mundial: a unidade perfeita, a não contradição absoluta e o poder único de alterar a realidade.

2 – Pressupostos gerais de um estudo bíblico

“Como em todas as ciências, a teologia baseia-se em pressuposições. A humanidade vive em um mundo organizado, em leis naturais observáveis e evidências de um projeto. A natureza desta organização em que vivemos revela uma evidente inter-relação de propósitos que exige a existência de um Deus, infinito em poder, racional, e que possui os elementos básicos de personalidade, intelecto, sensatez e vontade. Os fatos observáveis da natureza, bem como a revelação nas Escrituras, precisam ser coerentes com tal Senhor. Tais fatos, organizados de modo a formar um sistema racional, são a substância da teologia, o que faz dela uma ciência que abrange os fatos revelados sobre Deus, a Criação e a história. Aos acontecimentos revelados na natureza, as Escrituras revelam a verdade adicional de que Deus é cheio de graça, santo, amoroso, paciente, fiel e bom, e tem atributos infinitos de conhecimento, poder e propósito racional. O que é verdade sobre a teologia como um todo é especialmente correto sobre a interpretação bíblica.” (Walvoord, 2002. p.9)

Como ferramentas para o estudo dessa maravilhosa obra literária, a Palavra Viva de Deus, usaremos pressupostos gerais. Temos, entre outros, quatro pressupostos fundamentais para

nosso estudo:

2.1 Para interpretar corretamente a Bíblia, é necessário que o leitor reconheça que há provas suficientes de que ela foi inspirada pelo Espírito Santo e que os escritores humanos foram guiados nesta tarefa de forma que tudo o que o Senhor desejou que estivesse escrito de fato está e que todos os fatos que não deveriam constar da Escritura Sagrada de fato não constam, e, portanto, a Escritura é uma revelação inerrante e jamais se contradiz, desde que adequadamente interpretada.

2.2 A Bíblia tem como objetivo comunicar a verdade sobre Deus e o universo, fazer o relato de fatos históricos, revelar princípios de ética e suprir-nos com a sabedoria necessária para realizar julgamento de fatos e tomar decisões, revelar valores morais e comunicar a previsão de eventos futuros.

2.3 A Bíblia revela a vontade de Deus de modo progressivo, de forma que uma nova revelação pode substituir a anterior sem a contradizer, mostrando mudanças progressivas na revelação, até que ela fosse completada.

2.4 Embora a Bíblia seja um livro incomum e único, é uma peça literária, a qual usa palavras inteligíveis para comunicar verdades, e o faz com variedade de formas, seja o registro histórico, a poesia ou a profecia. Para comunicar as verdades, a Bíblia usa formas literárias comuns a outros tipos literários e, embora sobrenatural, fala de maneiras tais que podem ser ilustradas em literatura extra-bíblica.

3 – Regras gerais para interpretação de textos bíblicos

Tomando estes quatro pressupostos citados, parte-se então para a interpretação dos textos bíblicos, o que também requer o uso de certas regras gerais, para evitar-se erros.

3.1 Ao estudar a Bíblia, é necessário estudar o significado das palavras empregadas, seus usos gerais, as variações de sentido, o contexto histórico e teológico e a determinação do mais provável sentido da palavra empregada no contexto estudado.

3.2 As palavras tem um contexto gramatical que deve ser observado, para verificar se o termo foi usado numa afirmação, ordem, expressão de propósito ou alguma outra situação específica.

3.3 Em toda interpretação é essencial saber a quem foi dirigida a passagem, pois isso determina a aplicação do texto.

3.4 Toda passagem deve ser interpretada em seu contexto imediato, contexto geral e de toda a Escritura. Texto sem contexto vira pretexto para heresias.

3.5 O caráter literário da passagem deve ser levado em conta, para verificar-se se foi escrita em forma de história, poesia, adoração ou predição, para melhor entender-se as figuras de linguagem. Isso determina a correta interpretação de cada passagem.

3.6 Sendo a Bíblia a expressão inerrante de Deus, é importante comparar uma passagem com outras passagens que tenham relação com a mesma. Uma porção da Escritura lança luz sobre outra porção, de modo que, por exemplo, um livro como Apocalipse é melhor entendido em um estudo comparativo com Daniel.

3.7 Embora a Bíblia seja majoritariamente escrita em uma apresentação normal e factual, ela emprega figuras de linguagem e estas precisam ser tomadas no sentido tencionado.

3.8 Ao interpretar a Bíblia, o leitor precisa buscar a orientação do Espírito Santo, que é a autoridade perfeita e absoluta sobre sua própria Palavra. Pessoas com Bíblias e que buscavam a orientação de Deus foram agentes revolucionários do Reino ao longo da história.

Seguindo-se estes passos, naturalmente surgirão grandes revelações e bênçãos, mas eventualmente também surgirão dificuldades e problemas. Somos felizes porque contamos com dois mil anos de história cristã e muitos e muitos sábios que já fizeram estudos profundos da Palavra de Deus. Muitos desses sábios deixaram-nos seus escritos e impressões e podemos recorrer a eles para melhor estudarmos. “O sábio ouvirá e crescerá em conhecimento, e o entendido adquirirá sábios

conselhos” (Provérbios 1:5) e “Não havendo sábios conselhos, o povo cai, mas na multidão de conselhos há segurança.” (Provérbios 11:14).

Não precisamos nem devemos simplesmente “comer pela mão dos outros”, mas precisamos aceitar que outros já tiveram nossas dúvidas e que o conhecimento vem sendo aumentado a cada geração. Assim sendo, podemos e devemos consultar aqueles que já trilharam parte do caminho, para que não precisemos sempre ir ao começo da jornada, mas possamos então seguir em frente, partindo de onde outros pararam.

Devemos fazer isto tendo sempre em mente que a palavra final é de Deus, que podemos escutar conselhos sábios, mas devemos buscar na Bíblia sua confirmação, seguindo o bom exemplo dos cristãos de Beréia “Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim.” (Atos 17:11)

4 – Diretrizes para lidar com dificuldades bíblicas

Ao lidar com as dificuldades bíblicas, podemos usar algumas diretrizes que nos foram legadas por sábios estudantes da Bíblia.

4.1 Esteja totalmente certo que existe uma explicação para a aparente dificuldade, mesmo que você ainda não a tenha encontrado. Um engenheiro pode não compreender como um besouro consegue voar, mas acredita que há uma explicação, porque o besouro voa!

4.2 Recuse-se a trocar a primeira diretriz pela opinião oposta cada vez que existe uma dificuldade. Ou a Bíblia é a perfeita e inerrante Palavra de Deus ou é apenas mais um livro de homens falíveis. Ou concordamos com Jesus Cristo que afirma que as escrituras são dignas de crédito, ou tudo isto de nada vale. Quando nos sentimos incapazes de compreender o que Deus quer comunicar, devemos humildemente nos curvar diante dele e pacientemente esperar por seu esclarecimento.

4.3 Use as regras gerais de interpretação e, se possível, um bom dicionário.

4.4 Lembre-se que nenhuma interpretação é válida se não for honesta. Nunca tente manipular a Bíblia para validar seus conceitos prévios.

4.5 No caso de textos paralelos, o único método justificável é o da harmonização. Escritores diferentes relatam o mesmo fato abordando aspectos diferentes. Eles não se contradizem, mas complementam-se.

4.6 Consulte os melhores livros disponíveis escritos por evangélicos que crêem na inerrância bíblica. A grande maioria dos problemas que você encontrar já foi encontrada antes e devidamente solucionada. Isto economiza tempo e evita sofrimento desnecessário.

4.7 Tenha em mente que algumas dificuldades são resultado de pequenos erros de copista, especialmente no Antigo Testamento, o qual não usava vogais quando foi escrito. As vogais foram acrescentadas muito posteriormente e eventualmente criam dificuldades, especialmente numéricas. Isto é especialmente válido para os livros de Crônicas.

4.8 Lembre que sempre que o registro bíblico é questionado por algum registro arqueológico supostamente discrepante, ficamos com a Bíblia, que é a mais importante peça arqueológica já utilizada pelo ser humano, com milhares de cópias antiquíssimas disponíveis e outras tantas milhares de citações em documentos antigos extra-bíblicos.

5 – O valor da inerrância bíblica

“Por toda a história da igreja, tem ficado claríssimo e bem entendido que a Bíblia, como Deus no-la concedeu, está livre de erro. À exceção dos grupos heréticos que romperam com a Igreja, presumia-se que as Escrituras eram

dotadas de total autoridade e dignas de confiança em tudo quanto afirmavam ser factual, quer se tratasse de teologia, quer de história, quer de ciência. Nos dias da Reforma protestante, assim afirmou Lutero: 'Quando as Escrituras falam, Deus fala' (Archer, 2001. p. 16)

O racionalismo do século XVIII fez muitos desviarem-se destas verdades aprendidas e demarcaram-se linhas divisórias entre a fé e o conhecimento científico. Uma aversão ao sobrenatural dominou as altas esferas intelectuais, considerando-se o conhecimento do sobrenatural como mera superstição e absolutamente incompatível com o conhecimento científico. Cria-se que caso houvesse um poder supremo, a Bíblia não seria a sua palavra revelada, ela no máximo apontaria para esse poder supremo. Essa era a crença formulada naquela época.

Na primeira metade do século XX as linhas estavam bem demarcadas, separando aqueles que criam na inerrância bíblica dos liberais pós-modernos que submetiam a Bíblia à racionalidade humana e à ciência moderna. Assim, muitos cerraram fileiras para insistir que o Antigo Testamento e o Novo Testamento, como nos foram dados originalmente, estavam absolutamente isentos de erros.

Na segunda metade do século XX surgiram os revisionistas, com heresias ainda mais perigosas, pois declaram-se crentes no evangelho, mas tratam a Bíblia como um conjunto de verdades absolutas e pequenos deslizes. Tal heresia alega que em assuntos doutrinários a Bíblia está correta, mas que não tem alcance histórico e científico e, para isso, devemos recorrer à ciência moderna como resposta final.

Lida cruamente, esta teoria diz que crê-se num deus poderoso mas incapaz de comunicar-se adequadamente com suas criaturas.

Sem a inerrância, as escrituras são falíveis, pois como podemos confiar em algumas partes mas não em outras? Quem é a autoridade que define quais partes estão corretas? As promessas de Deus são a parte correta ou a parte incorreta? Afinal de contas, há mesmo salvação? Tais perguntas surgirão naturalmente para aquele que seguir esta corrente herética e ao final levarão a um total esfriamento e desvio da fé, pois como crer e seguir um deus falível? Estes que vão por este caminho acabam seguindo o deus deste século.

Uma leitura honesta da Palavra de Deus mostra que não há qualquer distinção entre a realidade histórica e científica e a doutrina. No salmo 105 vemos um louvor a Deus por seus atos milagrosos de libertação de Israel do cativeiro egípcio no envio de pragas; já o salmo 106 exalta o Senhor por livrar seu povo abrindo o mar vermelho, só para citar dois exemplos. Como então separar o conhecimento teológico do conhecimento dos fatos? Não há como.

Uma dificuldade adicional em rejeitar a inerrância bíblica é que em lugar nenhum do mundo uma testemunha que mente ou engana-se sobre determinados fatos é aceita para testemunhar sobre outros. Um modo seguro de desqualificar uma testemunha num processo judicial é demonstrar que ela é reconhecida como falha ou mentirosa em seus relatos sobre outros assuntos, o que afeta de modo permanente seu testemunho para aquilo que se quer investigar. Como então crer em partes da Bíblia mas não em outras?

O próprio Jesus Cristo cria no Antigo Testamento, conforme vemos nos seguintes exemplos (hoje tão atacados pelos revisionistas que alegam crer no Jesus Senhor e Salvador):

a) ao falar de sua morte e ressurreição em Mateus 12:40, Jesus compara-se ao profeta Jônatas, que ficou três dias no ventre do grande peixe.

b) ao falar de sua segunda vinda em Mateus 24:38-39, Jesus comparou a geração daqueles dias com a geração que morreu no dilúvio dos dias de Noé.

c) Jesus cria na alimentação de dois milhões de hebreus no deserto provida por Deus com o maná, pois falou dela em João 6:49.

d) Ao falar sobre casamento em Mateus 19:5, Jesus citou um versículo da história de Adão e Eva e não fez qualquer ressalva.

e) ao racionalismo dos saduceus, em Mateus 22:32 Jesus respondeu com uma citação

literal do Antigo Testamento onde Deus fala a Moisés do meio da sarça ardente.

Apenas nestes cinco exemplos já percebemos que Jesus Cristo, o filho de Deus, cria no Antigo Testamento nos seus aspectos doutrinários, históricos e científicos, sem separá-los. Ou cremos nisso também ou cremos que o salvador cometeu alguns deslizes e não passava de um homem falível. Como crer num salvador assim? Impossível.

Jesus Cristo é o filho de Deus, o próprio Deus que fez-se homem, perfeito, sem mácula, o próprio inspirador e a razão de existir do Antigo Testamento, o centro do Novo Testamento e de toda a Bíblia. Ou cremos no que ele demonstrava crer ou nos achamos melhores do que ele.

Rejeitar a inerrância e ser evangélico é uma grande desonestidade, pois como pregar e usar a Palavra de Deus como verdadeira para certos assuntos que nos agradam e rejeitar para outros? Podemos passar anos fazendo isso e no final concluir que homicídio, adultério e idolatria são permissíveis sob certas circunstâncias. Este caminho já foi trilhado por alguns. O resultado está no mundo ao nosso redor, que se diz cristão mas pratica as obras do diabo.

Podemos e devemos investigar a Palavra de Deus, mas com a humilde aceitação que somos limitados e que só Deus pode revelar-nos a plenitude das Escrituras.

Quanto ao Novo Testamento, a confiabilidade dos documentos é fundamental para a doutrina da inerrância. Ainda que muitos aleguem que a Bíblia era inerrante mas foi sendo adulterada conforme a vontade humana, os fatos mostram o contrário. Façamos um breve comparativo do Novo Testamento com outras obras literárias aceitas como verdadeiras e autênticas em nossos dias.

Obra	Data de Origem	Cópia mais antiga	Espaço de tempo	Nº de cópias
Heródoto	488-428 AC	900 DC	1300 anos	8
Tucídides	460-400 AC	900 DC	1300 anos	8
Tácito	100 DC	1100 DC	1000 anos	20
Júlio César (<i>Guerra das Gálias</i>)	58-50 AC	900 DC	950 anos	9-10
Tito Lívio (<i>História de Roma</i>)	59AC-17DC	900 DC	900 anos	20
Novo Testamento	40DC-100DC	130 DC (manuscritos completos de 350 DC)	300 anos	5000 em grego 10000 em latim 9300 em outras línguas

(Gumbel, 2003. p.21)

Heródoto escreveu a História da Grécia, obra amplamente usada como fonte histórica para as matérias aprendidas nos colégios e cobradas nos vestibulares sem qualquer questionamento. Tucídides escreveu a História da Guerra do Peloponeso, da mesma forma usada sem questionamento, por sua considerada validade histórica. Tácito escreveu História e Anais, contando-nos muito sobre Roma, especialmente os dias de Nero. César e Tito Lívio também legaram-nos a história de Roma, e nada disso é questionado quanto à sua validade ou historicidade.

O número de cópias, o espaço de tempo entre a cópia mais antiga e a escrita dos originais e a idade das cópias mais antigas, quando comparados com o Novo Testamento, tornam todas estas obras muitíssimo inferiores ao Novo Testamento. Curioso é como muitos que atacam a veracidade e a validade literária do NT utilizam e utilizaram quotidianamente estas outras obras como verdadeiras e válidas. Esta prática é, no mínimo, desonesta.

6 – Lidando com traduções da Bíblia

No Brasil dispomos de algumas traduções da Bíblia, sendo as mais conhecidas as diferentes revisões da clássica tradução de João Ferreira de Almeida. Também já vem sendo amplamente utilizadas a Nova Tradução na Linguagem de Hoje e a Nova Versão Internacional, não desprezando outras traduções menos populares.

A tradução de Almeida foi realizada no século XVII, com grande formalismo,

vocabulário erudito e português lusitano. Suas variações devem-se a edições posteriores que procuraram tornar a linguagem mais acessível, contemporânea e brasileira. Ainda assim, a quantidade de termos arcaicos e de difícil compreensão é grande, trazendo dificuldades adicionais na interpretação da própria língua portuguesa utilizada pelo autor. É possivelmente a tradução mais amada no Brasil, a mais citada e a que causa maiores dificuldades de compreensão.

A Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) foi concluída pela Sociedade Bíblica do Brasil em 2000, como evolução da edição de 1988. Trata-se da versão de mais simples compreensão, menor formalismo e também menor beleza literária. É muito útil como ferramenta de estudo, desde que sempre acompanhada de um comparativo com outras versões para evitar a perda da riqueza de certos conceitos e conteúdos. É possivelmente a tradução mais usada pelos novos leitores da Bíblia no Brasil.

A Nova Versão Internacional (NVI) foi disponibilizada pela Sociedade Bíblica Internacional em 1994, na época apenas com o Novo Testamento e hoje em obra completa. Seu texto rico, porém não excessivamente erudito e utilizando o português falado no Brasil com grande beleza literária confere a esta tradução um caráter de maior facilidade que a tradução Almeida, mas de maior reverência que a versão NTLH. Não deve ser confundida com uma mera tradução da New International Version de língua inglesa, pois ainda que a proposta seja semelhante, os princípios de tradução foram independentemente determinados por uma comissão de tradutores no Brasil, a qual partiu das línguas originais e não da versão inglesa. São consideradas versões irmãs, mas não gêmeas e há diferenças significativas entre elas, sendo a versão em inglês muito atacada por suas impropriedades. A versão NVI contou com um bem equipado grupo de tradutores, trazendo ao leitor um texto belo, rico, coerente e fiel, sem ser demasiadamente erudito.

Diferenças nas traduções ocorrem com frequência e, por isso, um estudo comparativo mostra-se bastante enriquecedor e esclarecedor. Diversas edições de estudo estão disponíveis no mercado, e são bastante úteis, desde que lembremos que os comentários não são parte da Escritura Sagrada, bem como os títulos que aparecem nos textos e a própria divisão em capítulos e versículos, pois tudo isto são acréscimos que não aparecem nos manuscritos antigos. Tais acréscimos são ferramentas de estudo humanas e, portanto, sujeitos ao erro, coisa que não acontece com a Escritura Sagrada. Os únicos títulos que fazem parte dos manuscritos originais são os títulos dos Salmos, ainda que nem todos tivessem títulos originais.

7 - O aparecimento do Messias

Sendo o Salvador o centro e a própria Palavra de Deus, muito importante é conhecermos o contexto de sua chegada ao ministério terreno.

O aparecimento de Jesus Cristo não foi casual, foi planejado meticulosamente pelo Senhor e retratado em detalhes pelos profetas do altíssimo, séculos antes. Em Gênesis 3:15 Deus entrega a primeira profecia messiânica, e assim segue por todo o Antigo Testamento.

O Senhor, em sua infinita sabedoria e bondade, ao longo da história humana gradativamente entregou ao homens sua revelação, parte por parte, até que a Bíblia fossem enfim completada por volta do ano cem. Passaremos rapidamente por alguns pontos principais.

Inicialmente não havia texto escrito, então a tradição era passada oralmente, de pai para filho, até que Deus deu a revelação da criação a Moisés e este pode então escrever Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, onde lemos sobre a natureza da revelação: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre” (Deuteronômio 29:29a),

A Escritura Sagrada traz-nos revelações sobre a preexistência do Messias, como em João 1:1 e o Salmo 90:2, então temos o relato da criação e o início da assim chamada Primeira Dispensação - Inocência, o período depois da criação mas antes da queda. Com a queda inicia-se a Segunda Dispensação - Consciência, onde havia o discernimento do bem e do mal, mas ainda não

havia um corpo completo de legislação. Nesta dispensação houve a depravação e o dilúvio, o que inicia a Terceira Dispensação, Governo humano, que dura até a dispersão em Babel, com a confusão das línguas. A Quarta Dispensação, Aliança Abraâmica, dura até o Êxodo, onde começa a Quinta Dispensação, Lei, que dura de Moisés até Jesus Cristo, o qual em si mesmo cumpriu a lei. Com a crucificação de Cristo começa a Sexta Dispensação - Graça, que dura até os dias de hoje. Ao final da grande tribulação começará a Sétima Dispensação - o Milênio.

Saber discernir as dispensações é importante para contextualizar as passagens lidas. A título de exemplo podemos aqui lembrar que a Lei não se aplica a nós, “Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.” (João 1:17) e em Romanos 4 Paulo faz um ótimo discurso diferenciando a Lei da Graça, mostrando nossa sujeição e redenção por fé e Graça, não por obras da lei.

Não podemos ser tolos e tentar cumprir a lei, ou usar a parte da lei que nos interessa. “Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las.” (Gálatas 3:10)

Quando alguém me oferece um versículo da lei e quer que eu cumpra, eu pergunto a este onde estão os seus sacrifícios de animais e como está sua dieta cerimonial, porque quem quer a lei, que fique com toda ela, incluindo a maldição pelo descumprimento.

Também não devemos desprezar o Antigo Testamento, só porque não estamos sob a Lei, pois há muito mais no AT do que a lei; há profecias para o nosso futuro e ditames de Deus que são anteriores a Lei e que permanecem até hoje. Podemos citar a relação de Abraão com Melquisedeque, que era um tipo de Cristo, e a proibição de comer carne com sangue, estabelecida em Gênesis 9:4, repetida na Lei em Levítico 17:14 e confirmado na Graça em Atos 15:28-29. Não desprezemos o Antigo Testamento, pois muitos de seus ensinamentos e ordenanças estão convalidados para a presente dispensação da Graça.

Com tudo isto em mente, lembremos que Deus, especialmente durante a dispensação da Lei, formou um povo para si, que estava morando em um território, com hábitos de vida e uma cultura própria. Neste contexto, Deus entregou muitas profecias sobre o Messias, porque era necessário um ambiente apropriado para a descida do Filho de Deus e a conseqüente proliferação do Evangelho da Graça.

Com a morte do profeta Malaquias encerrou-se a era do AT e iniciou-se o chamado silêncio profético de quatrocentos anos, onde foram cumpridas as profecias de Daniel quanto ao declínio do império Persa, o período do império Grego e a chegada do Império Romano, contexto no qual nasce Jesus Cristo. Vejamos ainda algumas características deste período de silêncio.

O Império Persa, poder mundial na época do encerramento do AT, foi o instrumento que permitiu o retorno dos judeus à terra prometida após o exílio, o que permitiu o restabelecimento das antigas bases nacionais de adoração. Os judeus foram governados por sacerdotes submissos ao governo Persa e tinham uma assembléia formada por diversas classes de líderes, o Sinédrio, o qual reunia-se em conselho com os sacerdotes e lhes fiscalizava o poder. Os escribas substituíram os profetas na guarda e cópia das Sagradas Escrituras e formaram uma classe forte.

Em 334 a.C. Alexandre Magno derrotou os persas e mais tarde apossou-se do norte da África e conquistou Jerusalém, dispensando bom tratamento aos judeus e incentivando o estabelecimento de judeus em outras cidades, especialmente em Alexandria, no Egito. Após sua morte o império foi dividido entre quatro generais, cabendo a Ptolomeu o domínio de Israel, uma nação que agora pagava tributos ao governo sediado no Egito. Milhares de judeus foram levados por Ptolomeu ao Egito, com liberdade religiosa e direitos de cidadão. A cultura grega era tão forte que os judeus corriam risco de perder identidade.

Por volta de 280 a.C. Um grupo de sábios judeus iniciou a tradução do AT do hebraico para o grego, a linguagem universal daquela época, para que os judeus que perderam a língua hebraica pudessem manter-se judeus. Setenta e dois homens trabalharam na tradução que é conhecida como Septuaginta (tradução dos setenta). Tal texto é o texto padrão citado no NT por

Jesus Cristo e nos demais livros do NT.

Entre os judeus haviam duas facções, uma helenista e outra anti-helenista. A facção helenista era intelectualizada, permissiva, seguindo padrões seculares e tendo pouco apego ao judaísmo clássico. Esse grupo tornou-se conhecido como saduceus, e não acreditavam no sobrenatural. Os anti-helenistas repudiavam qualquer objeção ao judaísmo clássico e eram orgulhosos de sua ortodoxia. Estes outros foram chamados de fariseus.

Em 204 a.C. os selêucidas, rivais dos ptolomeus, começaram a tomar controle de Israel. Antíoco tentou helenizar o mundo, pregou o materialismo, proibiu o judaísmo, profanou o Templo sacrificando uma porca a Zeus e fez muitas outras barbaridades.

A família dos Macabeus liderou uma resistência e revolta contra os gregos, numa guerra sangrenta. Por essa época uma aliança foi costurada com os romanos, em troca de relativa independência. Por volta de 25 de dezembro de 164 a.C., o Templo foi purificado e reconsagrado, data hoje comemorada pelos Judeus como “Chanucá”. Após isso, Fariseus e Saduceus dividiram-se definitivamente.

Em 63 a.C. Jerusalém foi tomada pelo romano Pompeio, como consequência da revolta promovida por Aristóbulo, judeu que detinha o poder em Jerusalém. Doze mil judeus morreram na tomada da cidade e Hircano, irmão de Aristóbulo, foi nomeado governador de Israel, pagando tributo anual a Roma.

Em 37 a.C. Herodes sobe ao poder, sendo ele descendentes de Judeus e de Gentios. No ano 20 a.C. ele inicia a restauração do Templo em Jerusalém, para se promover junto aos Judeus. Foi este Herodes que ordenou a matança de meninos em Belém.

Agora estamos prontos para iniciarmos, na próxima lição, nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia os quatro primeiros capítulos de Mateus, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

A Bíblia em ordem cronológica: nova versão internacional / edição autorizada da obra de Edward Reese (org.). São Paulo: Editora Vida, 2003.

A linguagem de hoje – apresentação. Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em <http://www.sbb.org.br/linguagemdehoje/apresentacao.asp> Consultado em 22 de maio de 2006.

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Gumel, Nicky. **Questões da Vida: uma oportunidade para explorar o sentido da vida.** Curitiba: Encontro, 2003.

João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em <http://www.sbb.org.br/joaoferreira/historia.asp> Consultado em 22 de maio de 2006.

Nova Versão Internacional da Bíblia – a mais aguardada tradução das Escrituras. Sociedade Bíblica Internacional. Disponível em <http://www2.uol.com.br/bibliaworld/sbi/indexsbi.htm> Consultado em 22 de maio de 2006.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Sayão, Luiz. **NVI – a Bíblia do século 21.** 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

Walvoord, John F. **Todas as profecias da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2002.

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
<http://www.geocities.com/malaquias316>